RECREAÇÃO DESENVOLVIMENTO DE VALORES, CRITICIDADE

PRISCILA APARECIDA MOREIRA MARQUES

RESUMO

Nas diversas metodologias e conteúdo que se pode tratar na Educação Física, a recreação é um tema pouco explorado na educação física escolar nas diversas faixas etárias. Neste trabalho buscamos abordar a importância da recreação como fermenta para o desenvolvimento de valores e habilidades críticas em diferentes contextos. A recreação não é apenas uma forma de lazer, mas também um meio de promover aprendizado e a formação ética, Através de atividades recreativas, os indivíduos têm a oportunidade de explorar e internalizar valores como cooperação, respeito e responsabilidade. Além disso, essas atividades podem estimular o pensamento crítico ao incentivar a resolução de problemas e a reflexão sobre comportamentos e escolhas, o artigo destaca como a recreação pode ser intencionalmente estruturada para apoiar o crescimento pessoal e social, contribuindo para uma formação mais completa e equilibrada. O artigo também aborda as possibilidades e conteúdos importantes que podemos tratar dentro da recreação na escola.

Elementos importantes para o desenvolvimento dos educandos como a vivência em situações de socialização e integração, fatores de cidadania, solidariedade e cooperação contidos nas experiências trazidas pelos alunos e outras novas, propostas pelo professor e colegas dentro da perspectiva de cultura corporal dos alunos.

Através de práticas de atividades recreativas, como esportes, jogos e eventos culturais, os indivíduos são expostos a situações que exigem trabalho em equipe, tomada de decisão e resoluções de conflitos. Esses ambientes proporcionam o desenvolvimento de habilidades críticas ao desafiar aos participantes a pensar de forma reflexiva e a avaliar diferentes perspectivas,

Desenvolvimento da criticidade e autonomia dos alunos através de reflexão sobre os temas, resolução de problemas e criatividade dos alunos nas vivencias.

Em suma, a recreação é apresentada como uma estratégia educativa poderosa que vai além do simples entretenimento, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e éticos. O artigo sugere que, ao integrar a educação para valores e a reflexão crítica, nas atividades recreativas, é possível promover um desenvolvimento mais equilibrado e enriquecedor dos indivíduos, preparando-os melhor para enfrentar os desafios da vida cotidiana

PALAVRAS-CHAVE: Recreação, Educação Física, Cooperação, Socialização

INTRODUÇÃO

A recreação é uma prática de prazer onde se pratica atividades descontraídas.

A escola é o único espaço em que esta prática pode ser vivenciada, estudada e discutida em valores éticos e por isso, não se pode fugir ao dever de preparar para este tempo de não – trabalho nas aulas de Educação Física desenvolvendo os diversos valores agregados a está prática.

A recreação é muito importante para o ser humano não só para a criança. Nossa proposta é trabalhar a partir da vivência do aluno em sua bagagem de cultura corporal de movimento e dela extrair base a construção de um conjunto de conhecimento e vivências que explique e dê sentido à prática corporal da recreação dentro e fora da escola.

O objetivo deste trabalho é abordar os diversos benefícios e contribuição psicomotora sócio – afetivo e cognitivos que a recreação nas aulas de Educação Física pode desenvolver nos alunos. Outro objetivo deste trabalho é abordar alguns valores e seus conceitos e desenvolver uma análise crítica sobre eles.

Assim através da recreação podemos desenvolver alguns temas principais os quais abordaremos neste trabalho, estes são: Cidadania, solidariedade e cooperação; Socialização e integração; Cultura corporal; Criticidade e autonomia.

RECREAÇÃO

CONCEITOS DE RECREAÇÃO

De acordo com Rousseau (1712 -1771) recreação é a liberdade total da criança, não se deve obrigar o aluno a ficar quando quiser ir, não o constranger a ir, quando ficar onde estar. O aluno deve ser educado por e para liberdade. "É preciso que saltem, corram, gritem quando tiverem vontade."

No conceito feito por Valente (1994, P.180), percebe-se que é englobado o lazer e o jogo, pois a recreação como atividade e comportamento típico de jogo, está contida no lazer. A recreação tem sido um elemento estudado e entendido predominantemente como um composto do lazer. Dessa forma todas as citações isoladas da palavra lazer, incluem naturalmente a recreação e o jogo.

Conceitos de lazer

O autor que mais influenciou a concepção de brasileira de lazer foi o sociólogo francês Dumazedier. O conceito de lazer de Dumazedier (1983, p. 34) diz o seguinte: "o lazer é um conjunto de ocupações às quase o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar seja para divertir-se, recrear-se e entender-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembarcar-se das obrigações profissionais familiares ou sociais".

Os Jogos e ou brincadeiras

Segundo Maturana e Verden-Zóller (1994, p. 89)

[...] na vida diária distinguimos como jogo qualquer atividade vivenciada no presente de sua realização e executada emocionalmente sem nenhum propósito exterior a ela. Ou, em outras palavras, falamos de jogo toda vez que observamos seres humanos ou outros animais envolvidos no prazer do que estão fazendo como se seu fazer não tivesse nenhum propósito externo.

Apesar de nos parecer a definição acima descrita, como se os envolvidos nas atividades de jogos o estariam fazendo de maneira inconsciente, quando estas expressões culturais se manifestam, nelas ocorrem um diálogo que permite aos participantes chegar a consensos para a sua realização. Por isso os jogos, como expressões de manifestações culturais com sentido lúdico, possuem um espaço próprio para os participantes, onde as normas e regras que orientam as atividades são respeitadas matristicamente (no reconhecimento e na aceitação como integrante do grupo social).

Assim, os jogos e a brincadeiras são parte fundamental da cultura corporal, dado que por seu intermédio nos apropriamos das diferentes manifestações culturais de forma lúdica da nossa cultura de origem, assim eles são parte integrante da nossa personalidade e identidade nacional (educação patrimonial).

Os jogos e brincadeiras tradicionais e/ou folclóricos são à base da nossa experiência e por meio deles nós podemos apropriar dos jogos populares ou contemporâneos. Não devendo existir restrição na utilização dos jogos e brincadeiras, já que o importante é a estratégia metodológica a ser utilizada, iniciando nos primeiros anos de vida com os jogos e brincadeiras do grupo familiar e após ou junto com eles os de origem local, regional, nacional e internacional.

Como os jogos são atividades lúdicas que outorgam prazer e agrado em sua execução, são conteúdos fundamentais para o processo educativo e de aprendizagem, já que eles passam a ser incorporados as nossas experiências junto com as sensações e emoções de agrado e de prazer.

Essas experiências lúdicas passam a ser a fonte da qualidade de vida, dado que as ações dentro do jogo se constituem em uma experiência agradável, a qual podemos recorrer em qualquer momento, seja para desfrutar novamente da ação ou simplesmente para sentir as sensações proprioceptivas que guardamos em nossa memória e as levamos à tona nas recordações.

Os jogos, brincadeiras, as atividades físicas e pré-esportivas, devem servir para ampliar as fronteiras dos alunos, para abrir portas e janelas para o futuro, de forma que eles consigam ter experiências de vida, que lhes permitam adquirir (com base na aproximação do conhecido ao por conhecer) novas experiências e culturas, devendo promover a autonomia e a liberdade. No caso das atividades físicas e esportivas, quando ensinadas

tendo como fim o domínio das habilidades esportivas ou técnicas (isto é, com fim em si mesmas), criam a dependência do aluno ou atleta ao professor ou técnico, tendo que realizar apenas o que eles indicam, desde o como fazer, quando fazer e por que fazer. Assim o conhecimento passa a ser ferramenta de domínio, outorgando o poder que os adultos têm sobre as crianças.

Os jogos e brincadeiras que oferecem maior potencial educativo são aqueles que correspondam ao patrimônio cultural da família e do grupo social, sendo interessante ressaltar que em todas as culturas os jogos e brincadeiras estão presentes, mostrando seu valor e sua contribuição no processo de desenvolvimento filogenético e ontogenético das espécies que jogam e brincam.

Mais interessante ainda é comprovar a existência de jogos e brincadeiras específicas para cada uma das faixas etárias ou períodos de desenvolvimento e também das diferentes conotações que passam a ter as mesmas atividades lúdicas em diferentes períodos do ciclo de vida das pessoas.

Conhecendo as diferentes realidades socioculturais e os diferentes períodos do desenvolvimento humano, a escolha de jogos e de brincadeiras ganha um espaço e um potencial educativo que os transforma num recurso imprescindível no processo educativo da educação continuada.

Esse potencial está presente nas inúmeras formas de utilizar e aplicar os jogos e brincadeiras, segundo o propósito educacional, tais como:

Recreação como metodologia no processo de ensino-aprendizagem

Define-se a Recreação como uma metodologia que apresenta uma proposta de ensino aprendizagem construtivista e sociointeracionista alegre e muito divertida, e de abordagem Inter e transdisciplinar, em que o processo de aprendizagem se dá pela interação numa dimensão individual e coletiva. A recreação se caracteriza por uma sequência de ações em atividades educativas com um objetivo de instigar processos internos de desenvolvimento mental para desenvolver a cidadania, para que os (as) alunos (as) sejam capazes de produzir, reproduzir e criar o novo.

O Processo de ensino-aprendizagem faz parte de um todo. Um complexo modelo interativo, centrado na construção do saber do (a) aluno (a) e na diversidade. O aluno, enquanto indivíduo é o responsável pela transformação, mediada pelo (a) professor (a) numa relação dialógica problematizadora. A partir de perguntas, constrói uma hipótese, busca a teoria, faz a intervenção, volta à realidade e problematiza novamente.

Além dessas relações, não se pode ignorar a integração de mecanismos neurológicos, dependentes da evolução dos sistemas piramidal e extrapiramidal da pessoa humana. O primeiro, entendido como um sistema mecânico responsável pela motricidade fina, voluntária e ideomotora; o segundo constitui o sistema de fundo tônico-motor automático, que se opõe, ao primeiro, servindo de guia às impulsões piramidais.

Nessa dinâmica, o processo de ensino aprendizagem ocorre por meio da metodologia da recreação. Pela análise e síntese, estende-se da teoria à prática e da prática à teoria, propõe situações problematizadoras, estimula a curiosidade, a compreensão e a construção de novas alternativas, numa aprendizagem significativa, que deriva da observação feita pelos alunos (as), a partir do contato com a realidade. Estimulados pelo (a) professor (a), os alunos (as) elaboraram conceitos e conteúdos, traduzindo as suas vivências e os seus interesses.

Na proposta, o ensinar e o avaliar são concomitantes. Primam pela avaliação formativa e emancipatória, com um nível de abrangência compatível com a proposta. Envolvem o (a) aluno (a) nas suas funções afetivas cognitivas e psicomotoras, no seu conhecimento como um todo e o professor (a) que tem uma visão do processo bem como de suas expectativas.

A metodologia da recreação requer um planejamento com objetivos definidos, organizado na forma de ações educativas e atividades que contemplem um resultado esperado. Isso, além dos saberes que formam e emancipam o aluno para refletir, analisar e problematizar, de forma crítica, a aprendizagem e o seu entorno.

O professor deve instigar o (a) aluno (a) a elaborar hipóteses ou sugestões para a resolução dos problemas, como reflexos des-

sas questões na educação e na sua vida futura. O acesso ao conhecimento é de fundamental importância para explorar as suas potencialidades e requer uma prática para determinar critérios e buscar opções mais apropriadas de ação e entendimento. A possibilidade de compreensão surge do diálogo, da leitura e da interpretação, quando essas passam a ter significado e sentido nas experiências vividas. Assim através da recreação podemos abordar alguns temas como os a seguir:

Socialização e Integração. A modernização separou o espaço do lugar, o que antes era caracterizado pela presença de pessoas é separado pelas relações onde não há necessariamente contato pessoal.

As crianças vivem em quatro tipos de espaços, suas casas, a escola, os espaços de lazer e os espaços que elas próprias criam, esses espaços só têm importância, pois ali elas têm suas relações sociais, cada um desses espaços com um tipo de normas e regras fazendo com que assimilem a moral e os costumes do convívio social e assim trazer para si valores individuais para que não se tornem excluídos da sociedade.

A educação no processo de socialização e integração faz com que as crianças cheguem espontaneamente a maneiras de ver, sentir e agir, promovendo também habilidades físicas, intelectuais e morais que são exigidas pela sociedade em um todo.

Seria limitado pensar que o desenvolvimento físico e emocional de pessoas seja determinado pelo convívio social e não por um processo constante de construção como diz a psicologia do desenvolvimento que vê a criança com os modos de pensar e ações próprias de cada etapa da vida, sem vê-la como um ser já social.

Para muitos educadores a escola é um dos primeiros lugares para se conhecer pessoas de diferentes níveis sociais, raciais, religiosos, pois ali estão convivendo diariamente cada um aprende um pouco com o outro e todos usufruindo do mesmo direito a educação.

Essa educação que não discrimina que promove a solidariedade, a integração, o diálogo, respeito mútuo, podendo compreender a si mesmo e as pessoas ao seu redor trazendo um fortalecimento dos Direitos Humanos e combatendo atitudes e comportamentos discriminantes contra pessoas com nível social inferior, raça ou religião.

Cabe a escola adotar projetos onde visem à proteção social, a uma cultura de paz, valorizar as diversas manifestações culturais seja elas artísticas, desportivas, os diferentes grupos que constituem a sociedade.

Os educadores devem ser capacitados de forma que possam contribuir para a socialização e integração do ser humano, propondo situações, problemas que envolvam o coletivo e o individual podendo se discutir, planejar e avaliar determinadas situações.

Não há dúvidas que haja limitações para entender a sociedade, pois muitas vezes as crianças são constrangidas pelas condições socioeconômicas, e há a expectativa de que a escola possa resolver problemas sociais, comportamentais como desrespeito ao próximo, falta de interesse, violência, para isso tanto a comunidade, família, como a escola tem um papel significativo para resolver esses problemas.

As pessoas têm que ter um referencial para pensar e fazem isso a partir de um histórico social, por isso é preciso construir coletivamente esse referencial, a escola por sua vez ajudara a compreender o mundo e refletir sobre ele, fazer escolhas a respeito de valores e de que forma agir.

Principalmente para as famílias mais pobres que veem a escola como um futuro melhor para seus filhos, diferente da situação atual que se encontra em suas comunidades.

A relação com a comunidade também tem um grande diferencial de classes sociais, fazendo com que apreciem as diversas formas de viver do ser humano compreendendo e valorizando a cooperação, o respeito ao próximo e as suas diferenças.

A amizade surge com a idéia de atividades compartilhadas e recreativas, pois dão um pouco de si e recebem um pouco do outro, fazer um grupo de amigos que uma vez aceito como membro torna-se parte de mais um grupo social, as atividades coletivas tem um maior sentido e significado levando a criança a se reconhecer dentro da sociedade, rompendo o individualismo para compartilhar de atividades coletivas de forma que venha lhe trazer prazer mediante aos interesses coletivos. Desta forma através da re-

creação podemos desenvolver todos estes conceitos.

Cidadania, solidariedade e cooperação;

A recreação é uma prática prazerosa em que os alunos participam de atividades descontraídas. Ela pode ser uma importante estratégia de inclusão e socialização, além de desenvolver as habilidades psicomotoras das crianças. Assim, a recreação transfere-se para o cotidiano e aproxima-se de uma vida permeada de informações. Esse processo de educação se dá através da convivência de diversos desses indivíduos, mais especificamente crianças, dentro de locais especializados que transmitem tais valores indiretamente, por meio da recreação é possível educar. As crianças buscam em seu interior algo estimulante, que saia da rotina diária, podendo a recreação ser utilizada, até mesmo dentro da sala de aula.

Hoje, o que se vê é uma sociedade totalmente voltada para o bem comum, que continua em transformação, mas que busca maneiras alternativas que contribuam no processo de reestruturação social. Os pais estão muito preocupados com a educação de seus filhos, que necessitam de uma contribuição externa, ou seja, novas alternativas na busca de melhor qualidade de vida em vários aspectos, tais como, psicológico, afetivo e social, já que os valores atuais são outros e foram transferidos, também, a outras pessoas. A responsabilidade de educar um indivíduo e transformá-lo é peça fundamental numa sociedade; deixou de ser apenas papel da família e passou a ser de responsabilidade da escola.

Vygotsky (1991) defende uma relação de constituição recíproca, pois a criança se desenvolve no contexto das interações sociais e quando as informações ou experiências são internalizadas; reestrutura a organização das ações sobre os objetos, reorganizando o plano do desenvolvimento interno e, consequentemente obtendo transformações nos processos mentais. Assim, pode-se observar que a informação e a convivência no meio social, interpretando os seus vários significados, são necessárias para o desenvolvimento da criança. Por sua vez, a Educação Física deve ser entendida numa perspectiva político-filosófica.

O desporto participação deve ter como princípio norteador à formação de hábitos, segundo Bourdieu (1997): reestruturação de valores, crenças, habilidades e conduta humana que deve ser trabalhada na instituição de lazer no decorrer da vida do indivíduo, atribuindo ao mesmo uma valorização na prática da atividade física e a necessidade do tempo livre, ou seja, o lazer.

Bourdieu (1979) expressa em seus textos que educandos oriundos de meios sociais desiguais possuem heranças culturais diferenciadas e tendem a agir de acordo com essa cultura já interiorizada. Ele ainda acrescenta que, para difundir a cultura socialmente legitima e valorizada universalmente é necessário que esses indivíduos tenham contato com os conhecimentos e com práticas culturais. Assim reestruturarão seus hábitos. Este é o conceito principal da Teoria Bourdiniana. Segundo ele, o hábitos pode ser entendido como:

"[...]sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente "reguladas" e "regulares" sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim, sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias, para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (Bourdieu in Ortiz, 1983: 60-61)".

Os PCNs (p.45) destacam a importância do papel da escola como espaço de formação e informação, onde os conteúdos estejam voltados para a inserção do aluno no dia-a-dia das questões sociais marcantes e em um universo cultural maior. A escola deverá estar voltada para a formação de cidadãos críticos, capazes de atuar com competência na sociedade. Sendo assim, "buscará eleger, como objetivo de ensino, conteúdos que estejam em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, cuja aprendizagem e assimilação são as consideradas essenciais para que os alunos possam exercer seus direitos e deveres".

Ou seja, é necessário contextualizar e historicizar os conteúdos da Educação Física escolar e repassá-los aos alunos, respeitando e adaptando, é claro, aos níveis de desenvol-

vimento dos mesmos.
A resposta vem com a concepção de currículo proposta por Michael Young (1975), precursor da Nova Sociologia da Educação (Inglaterra) que coloca como foco central da investigação sociológica a seleção e transmissão do conhecimento escolar. Segundo este, três concepções básicas de currículo são encontradas:
• Currículo como Fato
- Caracteriza-se por conceber a educação como transmissão cultural e como socialização em determinados valores e habilidades;
– Abstrai o conhecimento dos homens que historicamente o criam e dos professores e alunos aos quais se destina;
– Entendem o currículo como objetivo socialmente prescrito, externo ao aluno, prontos para serem adquiridos;
– Considera o papel do professor como transmitir conhecimentos produzidos por outros e incultar valores pré-estabelecidos;
– Valoriza a disciplina como a forma mais adequada de organização do conhecimento escolar.
• Currículo como Prática
-Concebe a educação como uma atividade prática, que ocorre através da interação humana, possibilitando ao aprendiz significado a sua vida e ao seu mundo;
– Considera o conhecimento como uma construção social, como produto do engajamento ativo dos homens na história e de suas tentativas de organizar suas relações com a natureza e com os outros homens;
– Entende o currículo como uma seleção arbitrária, feita pelos que detém o poder;
– Enfatiza a responsabilidade de professores e alunos pelo que sabem, negociam, trocam e criam quando trabalham juntos;
– Rejeita o isolamento normalmente existente entre as disciplinas escolares e defende uma abordagem mais integrada do conhecimento curricular
• Currículo como Crítica
- Enfatiza que outros aspectos, não ligados às escolas, sejam também envolvidos nas ações dos professores e alunos para que estas se tornem uma possibilidade real de luta pela emancipação do homem;
– Que as ações dos professores e alunos não fiquem restritas aos cenários educacionais e se articulem a estratégias mais amplas;
– Criar, no interior da escola, conteúdos novos que correspondam a uma representação cultural prévia de um futuro melhor;
– Examinar criticamente os conhecimentos que são trazidos para a escola, não romantizando o saber popular, nem idealizando o saber erudito.
Essa visão tridimensional de currículo e, portanto, de conteúdo, é apresentada num quadro síntese elaborado por José Erasmo Campello (1995), adaptado por Sidney Forghieri Zimbres (1997).
Cultura Corporal;
O movimento humano é uma forma de expressão corporal e que por isso carrega em si elementos históricos, éticos, técnicos. A cultura do movimento humano é expressada através de jogos, danças, lutas nos esportes e nas ginásticas e na recreação e isso é parte do patrimônio cultural da humanidade que está tão presente em nosso dia a dia, Da SILVEIRA (2001)
Lino Castellani Filho (1998) afirma que compete a Educação Física “dar tratamento pedagógico aos temas da cultura corporal, reconhecendo-os como dotados de significados e sentindo, por quanto construídos historicamente”.
Tem-se que estimular a capacidade de crítica das práticas corporais para que haja a influência dessas práticas sobre a qualidade de vida, sobre a questão do lazer os valores que é associado pela mídia as diferentes práticas corporais juntando-se a isso os conhecimentos e questões sobre o nosso corpo em movimento e sobre os conteúdos técnicos específicos dos jogos, esportes, danças e ginásticas associados a vivência do maior número de expressões destas atividades humanas e teremos um corpo de conhecimentos.
Todos nós temos até hoje grande envolvimento com elementos da cultura de movimento, seja como praticantes ou como espectadores em escolas, na rua, nos parques, por meio da mídia, porém a escola é o espaço onde a prática pode ser vivenciada, discutida abordando também os valores éticos, Da SILVEIRA (2001)
É o papel da escola fazer com que criemos autonomia e sejamos conscientes e críticos ao meio cultural, nenhuma outra disciplina na escola aborda a vivência da cultura do

movimento humano no tempo de lazer ao não ser a Educação Física.

Outro ponto muito importante tanto na vida no geral, quanto no movimento humano é o aspecto lúdico presente na recreação, pois a ludicidade é a expressão do desafio, da curiosidade, do novo, do envolvimento e do prazer, sejam eles para aprender ou simplesmente para viver, Da SILVEIRA (2001).

Considerando que a Educação Física deve proporcionar a vivência e a discussão do movimentar-se contemplando todos os conteúdos da cultura do movimento, movimentos de prática e também os aspectos históricos, técnicos, sociais, fisiológicos, MAUSS (1974).

Ao defender o caráter de montagens fisio--psico-sociológicas dos atos corporais, mostra que a autoridade social desempenha papel importante em fazer adaptar o corpo ao seu emprego. Porém, a educação do corpo, por seu lado, acarreta também profundas consequências biológicas e psicológicas.

Em uma aula de Educação Física pode-se unir os momentos de prática e de estudos, entrelaçar discussões e a prática de modo com que o aluno enxergue a relação entre eles, Da SILVEIRA (2001)

Tarcisio Vago (1997), temos desenvolvido duas possibilidades na produção de nossa cultura corporal.

"Na primeira, conhecer e problematizar, junto com os alunos, as práticas esportivas que os seres humanos produziram ao longo de sua história cultural: vivenciar, conhecer, criticar, e transformar as práticas corporais já produzidas.

A segunda possibilidade explorada é a de recriar outras práticas esportivas, ainda não inventadas, um novo jogo, um novo esporte, uma nova dança, uma nova forma de ginástica ou de luta, enfim, uma prática produzida na própria escola com sentido próprio e valores coerentes e concretos para os alunos".

A compreensão do corpo e dos seus movimentos como construções culturais apresenta-se capaz de criar formas para um corpo disciplinado, obediente.

Ainda que ao afirmar que a Educação Física é o desenvolvimento motor ou da aptidão Física, compreende que a cultura corporal é a forma que os alunos tem para aprenderem a expressão corporal como linguagem.

As discussões da perspectiva crítico-superadora questionam o que seria necessário um aluno conhecer para ser conhecedor da cultura corporal como, por exemplo, a compreensão dos sentidos e significados dos temas da cultura corporal e suas relações com grandes problemas sociopolíticos, com o objetivo de que os alunos possam fazer uma leitura da realidade de um todo, NOGUEIRA (2005).

Nas discussões sobre o paradigma cultural na Educação Física, também merece destaque a utilização por Taborda de Oliveira (1997;2003) da noção de corporalidade para entender as relações existentes entre Educação Física, corpo e cultura. O autor se preocupa não somente em aceitar a cultura como algo indispensável para se entender as práticas educacionais, mas também em aprofundar as referências culturais como suporte para práticas pedagógicas, isso porque isso é essencial para se compreender a produção cultural, conhecimento é cultura., e cultura também são hábitos, valores e práticas, todos formas diversas do ser humano.

Considerando a Educação Física como forma indispensável para a construção do ser humano e para a complexa vida social, é preciso pensar para a construção da vida humana a partir do conceito de corporalidade, pois no corpo encontram-se marcadas todas as condições de vida para o ser humano. NOGUEIRA (2005).

Hall (1997, p16) Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesmas, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas "culturas". Contribuem para assegurar que toda ação social é cultural que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e neste sentido, são práticas de significação incluindo assim a recreação.

Criticidade e Autonomia;

Ao tratar da trajetória história da Educação Física, Souza Júnior (2001) afirma que esta

vem sendo caracterizada pela concretização de práticas corporais sem que haja uma reflexão crítica sobre elas, destituindo a Educação Física de uma organização curricular e sistematização de saberes que promovam uma compreensão mais profunda de conhecimentos específicos desta área.

O rompimento com uma posição de neutralidade política da prática pedagógica da Educação Física só foi possível graças a uma geração de educadores/as engajados/as em entender a Educação Física como "Educação" e não como mera atividade, Nogueira (2003).

Constituiu-se, com base nisto, uma tendência denominada, segundo Oliveira (1994), de pedagogia do conflito, concretizada por projetos político-pedagógicos objetivando transformar a ordem vigente em contraposição à pedagogia do consenso, que atua em função da manutenção do status quo. Bracht (1999) apresenta a pedagogia crítica, ou do conflito, em Educação Física, dividida em crítico-recuperadora (baseada nas propostas de Dermeval Saviani e colaboradores fundamentados na pedagogia histórico-crítica) e crítico-emancipatória (elaborada pelo professor Elenor Kunz com base em autores como Paulo Freire, Merleau-Ponty e teóricos da Escola de Frankfurt), sendo que ambas devem propor procedimentos didático-metodológicos que possam propiciar um esclarecimento crítico sobre práticas corporais humanas, desvelando a lógica dialética (para a crítico-superadora) e o agir comunicativo (para a crítico-emancipatória) como competências para tanto.

Sendo assim, perspectivas tradicionais baseadas no desenvolvimento da aptidão física e no esporte de alto rendimento, o oferecimento da Educação Física como uma linha de produtos oferecidos pela escola, principalmente nas particulares, assim como a sua própria ausência, pois as escolas orientadas para a eficiência, a eficácia, e produtividade e a utilidade dispensam a presença de práticas corporais (VAGO, 1999), passam a conviver com propostas que buscam legitimar a presença da Educação Física nos currículos escolares e sua contribuição para a construção de valores que coadunam com os direitos e com a igualdade social.

Nesse contexto apontado pela pedagogia crítica em Educação Física, qual o papel da reflexão nas aulas de Educação Física? Silveira e Pinto (2001, p. 141) explicam que

"Considerando que a Educação Física deve proporcionar a vivência corporal e a discussão do movimentar-se, deve-se contemplar todos os conteúdos da cultura de movimento em momentos de prática e também de estudo e pesquisa sobre os aspectos históricos, técnicos, sociais, fisiológicos, estéticos, éticos, culturais e políticos desta prática social. Todo este conhecimento deve se desenvolver pela ênfase nas competências comunicativa, instrumental e social (Kunz, 1994), colocando em cheque (sic) a ideia de que 'Educação Física é para se fazer, não para se discutir'. Acreditamos na relevância da comunicação (discussão, debates) na consecução de nossos objetivos pedagógicos no sentido de dar consciência crítica e capacidade de transformação a nossos alunos".

Segundo Fratti (1999), os elementos da cultura corporal, ao serem trabalhados pela Educação Física, devem proporcionar uma reflexão crítica sobre as contradições que permeiam as questões de raça, gênero, etnia, sexualidade, sem com isso desconsiderar a luta de classes. Partindo de uma perspectiva multicultural, o autor propõe que os conteúdos e os eixos temáticos sejam trabalhados (...) de forma a que os alunos compreendam suas dimensões práticas e teóricas relacionadas, os encontros devem ser organizados metodologicamente de forma que permitam refletir sobre as contradições postas nas aulas. (FRATTI, 1999, p. 204).

Colpas (1999), por sua vez, assegura que, para a apreensão crítica dos elementos da cultura corporal uma aula de Educação Física pode ser dividida em quatro momentos distintos: 1) reflexão sobre o tema; 2) prática com variações do já conhecido; 3) reflexão sobre a prática e 4) aprofundamento na literatura. Tratando do terceiro ponto – reflexão sobre a prática, o autor afirma que

"Esse momento proporcionado durante as aulas de Educação Física na escola para que as crianças exercessem sua capacidade de pensamento, mostrou-se interessante no que diz respeito à explicitação dos elementos válidos para reorganizar, selecionar e sistematizar o conteúdo desenvolvido. Com ele, pode-se criar um vínculo altamente

significativo entre os alunos, as alunas e o conteúdo ensinado. A apreensão desse conteúdo, nesse momento, ganha força no processo de internalização. Enquanto momento de diálogo verbalizado, cada aluno pensa e repensa suas atitudes e ações pedagógicas vividas durante a aula propriamente dita, superando ou revolucionando conceitos e opiniões momentaneamente cristalizadas. O aluno e a aluna no trato com o conhecimento ampliam seus conceitos e opiniões sobre a realidade que os cerca. (COLPAS, 1999, p. 135)".

Camargo et al. (1999) apontam para a direção de uma perspectiva de ensino voltada para a formação da cidadania crítica. Para os autores a aprendizagem social ocorre numa situação dinâmico-dialógica, sendo que os momentos de conflito ou incongruências de ideias devem ser esclarecidos por consenso ou por votação. Ao evidenciar o que caracteriza um ensino que promova a superação de conflitos sociais, os autores esclarecem que

"a diferença do ensino tradicional, a estimulação do diálogo e a reflexão sobre o que se fala e se faz em termos de organização coletiva, constitui a estratégia principal para que os alunos aprendam a superar conflitos sociais ao mesmo tempo em que elevam sua consciência no sentido de valorizar a importância da cooperação, da necessidade de mediar criticamente seus interesses individuais com os coletivos e de construir a prática da alteridade. (CAMARGO, 1999, p. 159)".

Kunz (2000), ao procurar soluções para a intervenção concreta da Educação Física numa perspectiva crítica, recorre à noção de didática comunicativa ou concepção crítico-emancipatória para mostrar como a competência comunicativa pode relacionar o esporte ao mundo social, político, econômico e cultural. O autor, parafraseando o pensador alemão Jürgen Habermas, apresenta a importância da reflexão crítica, demonstrando que

"(...) a emancipação só será possível quando os agentes sociais, pelo esclarecimento, reconhecerem a origem dos determinantes da dominação e da alienação. Os agentes sociais são levados, assim, à autorreflexão. Pela reflexão, eles podem perceber que sua forma de consciência é ideologicamente falsa e que a coerção que sofrem é autoimposta. (KUNZ, 2000, p. 34)".

Tomando a comunicação como aspecto indispensável numa perspectiva crítico-emancipatória, Kunz afirma que o se - movimentar ganha importância quando se considera que o movimento corporal é uma forma de linguagem e, por isso, promove um diálogo dos sujeitos com o mundo. Entretanto, para ele

"Saber se comunicar e entender a comunicação dos outros é um processo reflexivo e desencadeia iniciativas do pensamento crítico. Mas a competência comunicativa na Educação Física não deve se concentrar apenas na linguagem dos movimentos e precisam, acima de tudo, ser compreendidos pelos integrantes de um jogo ou atividades lúdicas, mas, principalmente, a linguagem verbal deve ser desenvolvida. (KUNZ, 2000, p. 41)".

Analisado a questão da reflexão numa obra que tem servido de referência para a pedagogia crítica em Educação Física, o livro Metodologia do ensino da Educação Física, os autores, tratando dos problemas sócio-políticos como os papéis sexuais, as questões de raça, gênero, qualidade de vida, ecologia, distribuição do solo urbano e considerando que a consciência crítica procura justo desvendar e superar as condições injustas presentes nestas categorias apontam que "a reflexão sobre esses problemas é necessária se existe a pretensão de possibilitar ao aluno da escola pública entender a realidade social interpretando-a e explicando-a a partir dos seus interesses de classe social." (SOARES. 1992, p. 63).

Quando da proposição do conteúdo jogo, os autores exemplificam que, pelo fato de o jogo da "queimada" tratar-se no imaginário de uma guerra, o professor deve

"(...) promover junto aos alunos discussões sobre as situações de violência que o jogo cria e as consequentes regras para o seu controle. Dessa forma, os alunos poderão perceber, por exemplo, que um jogo como a queimada é discriminatório, uma vez que os mais fracos são eliminados (queimados) mais rapidamente, perdendo a chance de jogar. (SOARES, 1992, p. 66)".

Pode-se interpretar, a partir dos exemplos expostos, que uma aula de Educação Física crítica se compõe de: reflexão sobre o que vai ser executado; execução do que foi refletido; reflexão sobre o que foi executado. A

criticidade é possível graças à reflexão sobre os elementos da cultura corporal; os sentidos e significados dispensados pelas práticas corporais devem ser refeitos por meio de debates realizados entre os alunos, os trabalhos escritos, a teorização de temas, as aulas em sala, Nogueira (2003).

Se o ensino da Educação Física é mais do que jogar, é mais do que ensinar habilidades e técnicas, este mais pode ser entendido como a entrada da reflexão crítica nas aulas principalmente nas de recreação. O movimento corporal encontra-se presente nas aulas, tanto para gerar discussões como para experimentar as proposições surgidas dos debates realizados pelos alunos. Enquanto os aspectos técnicos dos elementos da cultura corporal são vivenciados, as problematizações capazes de dotar os alunos de consciência crítica e ação transformadora são encaminhadas para os momentos de reflexão e de abstração teórica, Nogueira (2003).

O movimento corporal não é excluído, mas utilizado como forma de levar os alunos a refletirem com o intuito de construir uma suposta relação racional com o mundo. Nestes pressupostos pode-se utilizar nas aulas de Educação Física a recreação para trabalhar a criticidade dos alunos, Nogueira (2003).

CONCLUSÃO

A Recreação como metodologia é o caminho que leva à cidadania e à inclusão social.

A Inclusão, na sua essência, é a arte da democracia na diversidade. Portanto, incluir não quer dizer balizar todas as pessoas uniformemente, mas procurar um consenso entre os níveis de desenvolvimento, os tempos e os espaços humanos. Os nossos tempos e os espaços diferem em gênero, número e grau evolutivo.

A escola, a sala de aula, os ambientes de recreação, o processo de ensino aprendizagem só têm sentido se puderem ser aplicados em função do bem-estar social. A integração dos componentes cognitivos, psicomotores da ação com os socioeconômicos, impulsionados pela motivação interna, que emerge com os estímulos das atividades desenvolvidas nas salas de aula e nos Ambientes de Recreação fez dessas ações educativas oportunidades de experiência. Há recursos válidos para superar limites, avançar no processo de ensino-aprendizagem e aprimorar a qualificação de professores (as).

Contudo, essas mudanças propostas só fazem sentido quando inseridas num projeto mais amplo de transformação e melhoria na qualidade do ensino, capaz de garantir não apenas os conhecimentos, mas também permitir o exercício e o desenvolvimento de uma cidadania proativa que valorize a dignidade humana, a democracia e uma cultura de paz.

Conclui-se assim que através da recreação pode-se sim trabalhar os temas propostos no decorrer do trabalho e que a recreação escolar ainda é pouco pesquisada cientificamente e que é necessário um maior aprofundamento nesta metodologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ana, Fernanda e Jifferson, Educação Física Escolar: Atitudes e Valores Motriz 2001, Vol. 7, n.1, pp. 17-22

Quéfren Educação Física e Pedagogia Crítica: Praticar o discurso? Florianópolis
2003 v.21, n.01, p. 179-197

Michaud,Y. A violência. São Paulo: Ática, 1989

Forquin, Jean – Claude Educação & Sociedade, SciELO Brasil 2000.

Ortiz e Pierre: Sociologia. Trad.Paula Monteiro e Alicia, Ática São Paulo 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

Kunz, Elenor. A transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí,Unijuí,1994. p39.

Borsato, C.; Borges, M.; Betti, R.Quando Ensinar é uma guerra. (Revista Veja) 2009

TIBA, Içami. Coluna Pais e Filhos; Revista Viva São Paulo; 1 de Janeiro de 2007.

Nogueira, Jonatas. Recreação e socialização no âmbito escolar. Revista Digital – Buenos Aires – Ano 13 – 120 2008.

Guilherme e Joelcio Educação física na perspectiva da cultura corporal: uma proposta pedagógica; Rev. Bras. Cienc. Esporte, 2001 v. 22, n. 3, p. 137-150